



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE-UFCG  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE- CCBS  
UNIDADE ACADÊMICA DE PSICOLOGIA- UAPSI

ELLIARD BEZERRA BRASILEIRO GOMES

FEMININO, CORPO E ADOLESCÊNCIA: PENSANDO A AUTOMUTILAÇÃO A  
PARTIR DA PSICANÁLISE

CAMPINA GRANDE- PB  
2018

ELLIARD BEZERRA BRASILEIRO GOMES

FEMININO, CORPO E ADOLESCÊNCIA: PENSANDO A AUTOMUTILAÇÃO A  
PARTIR DA PSICANÁLISE

Trabalho apresentado à Unidade Acadêmica de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Federal de Campina Grande/PB, em cumprimento às exigências parciais para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

**Orientadora:** Profa. Dra. Gabriella Valle Dupim da Silva

CAMPINA GRANDE- PB  
2018

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Setorial Tereza Brasileiro  
Silva, CCBS/UFCG**

G633f

Gomes, Eliard Bezerra Brasileiro.

Feminino, corpo e adolescência: pensando a automutilação a partir da psicanálise / Eliard Bezerra Brasileiro Gomes. – Campina Grande: o autor, 2018.

21 f.: il., Color.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde.

Referências:

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Gabriella Valle Dupim da Silva, Dra.

1. O Feminino. 2.Corpo. 3.Automutilação. 4.Adolescência. 5.Psicanálise. I Autor. II. Silva, Gabriella Valle Dupim da. (Orientador). III. Título.

BSTBS/CCBS/UFCG

CDU 159.964.2 (813.3)

**Responsabilidade técnica - catalogação:  
Jônatas Souza de Abreu, M Sc. CRB-4/1823**

## TERMO DE APROVAÇÃO


ELLIARD BEZERRA BRASILEIRO GOMES

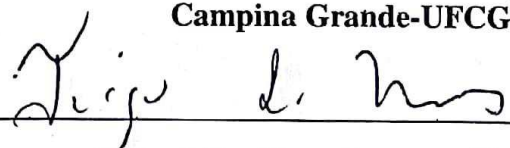
### FEMININO, CORPO E ADOLESCÊNCIA: PENSANDO A AUTOMUTILAÇÃO A PARTIR DA PSICANÁLISE

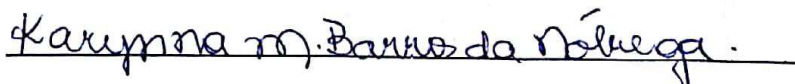
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para obtenção do grau de Psicólogo no Curso de Psicologia outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande – PB.

APROVADO EM: 13 / 12 / 2018

BANCA EXAMINADORA:

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Gabriella Valle Dupim da Silva**  
Orientadora – Profa. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de  
Campina Grande-UFCG

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Tiago Iwasawa Neves**  
Prof. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina  
Grande-UFCG

  
\_\_\_\_\_  
**Profa. Dra. Karynna Magalhães Barros da Nóbrega**  
Profa. da Unidade Acadêmica de Psicologia da Universidade Federal de Campina  
Grande-UFCG

Campina Grande – PB

2018

## RESUMO

No contemporâneo, o fenômeno da automutilação apresenta-se com maior incidência em corpos adolescentes alinhados ao feminino. Foi a partir desta constatação que no presente artigo nos propomos a pensar tal prática sob o viés da psicanálise. Para isso, buscou-se entender de que forma o corpo, o feminino e a adolescência se entrelaçam, produzindo um maior número de sujeitos praticantes da automutilação nessa fase da vida. Realizou-se uma leitura de Freud, Lacan e de outros psicanalistas contemporâneos, que nos serviram como norteadores teóricos para o problema em questão. Entendeu-se a automutilação, nos contornos atuais, como um fenômeno transestrutural que toca o feminino de forma peculiar. Isso se dá a partir do modo próprio como o feminino se relaciona com o corpo, efeito daquilo que Lacan define como lógica de gozo *não-toda fálica*. A maior incidência da automutilação na juventude foi pensada, ainda, como efeito dos fenômenos de identificação presentes na atualidade que se imprimem de forma mais incisiva entre os adolescentes. Estes, diante da falência de referenciais simbólicos ordenadores (declínio do *Nome-do-Pai*), fazem muitas vezes uso da automutilação como mais um modo de socialização marcado pela via sintomática, em uma fase da vida caracterizada por um certo estranhamento com o corpo próprio em transformação.

**Palavras-chave:** Feminino; Corpo; Automutilação; Adolescência.

## ABSTRACT

In the contemporary world, the phenomenon of self-mutilation has a higher incidence in adolescent bodies aligned with the female. It was from this observation that in the present article we propose to think such practice under the bias of psychoanalysis. To do this, we sought to understand how the body, the feminine and the adolescence intertwine, producing a greater number of subjects practicing self-mutilation in this phase of life. A reading was made of Freud, Lacan and other contemporary psychoanalysts, who served as theoretical guides to the problem in question. Self-mutilation, in the current contours, was understood as a trans-structural phenomenon that touches the feminine in a peculiar way. This is done from the way the feminine relates to the body, an effect of what Lacan defines as the logic of *not all-phallic* jouissance. The higher incidence of self-mutilation in youth was also thought to be the effect of the phenomena of identification present today that are more incisively imprinted among adolescents. These, in the face of the bankruptcy of symbolic references organized (declining *Name-of-the-Father*), make use of self-mutilation as another way of socialization marked by the symptomatic pathway, in a phase of the subject's life where strangeness with a transforming body continually presents itself more intensely.

**Keywords:** Female; Body; Self-mutilation; Adolescence.

## **Feminino, corpo e adolescência: pensando a automutilação a partir da Psicanálise**

**Elliard Bezerra Brasileiro Gomes  
Gabriella Valle Dupim da Silva (Orientadora)**

### **Introdução**

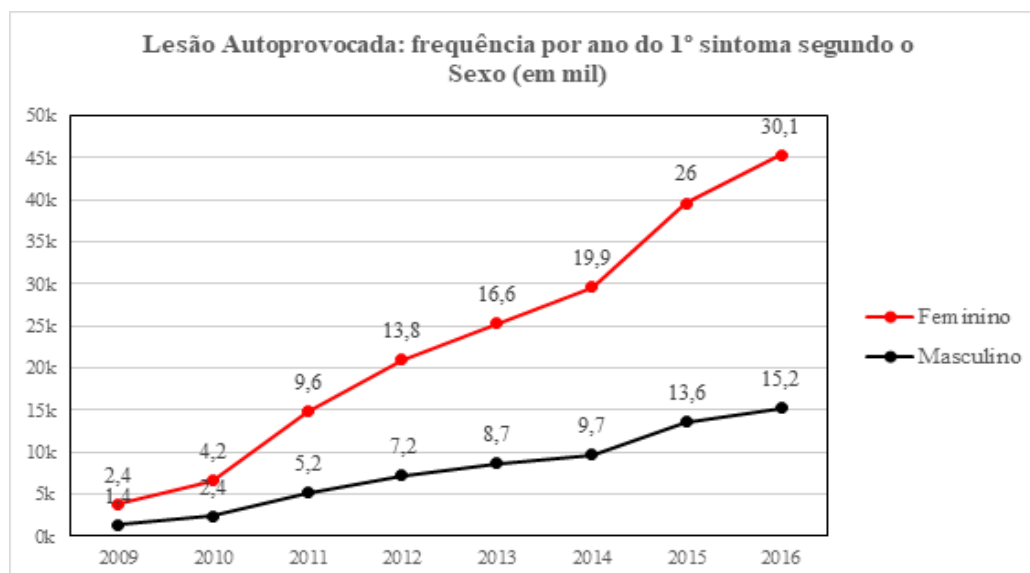
O uso que o sujeito faz do próprio corpo como espaço de ação se apresenta em toda a história da humanidade. Esse corpo serve para se relacionar com o mundo, serve também como contorno de si e, ainda, como repositório de mensagens diversas. É nesse sentido que inscrições corporais, cortes e inserções de objetos no próprio corpo foram e são realizados em diferentes contextos. O fenômeno da automutilação no contemporâneo, entretanto, possui características específicas que já podem ser observadas a partir da identificação do público que mais faz uso dessa prática, e da faixa etária em que a mesma se apresenta com maior incidência.

De acordo com as estatísticas divulgadas pelo Serviço Nacional de Saúde britânico *NHS Digital* (2016), pessoas entre 16 e 24 anos de idade foram as que mais admitiram ter realizado a prática da automutilação, em comparação com todos os outros grupos. Nessa faixa etária, que se inicia na adolescência e vai até os primeiros anos da vida adulta, um quarto (26%) das mulheres admitiram ter se automutilado, configurando-se como mais que o dobro do índice de homens jovens que o admitiu fazer (10%)<sup>1</sup>.

No Brasil, identificar quais corpos vem fazendo maior uso de tal prática só pode ser realizado de forma indireta. Os dados oficiais disponíveis no DATASUS (2018) relativos à automutilação estão incorporados na tipologia “Violência autoinfligida (autoprovocada)” do Sistema de Informação de Agravos de Notificação - SINAN, do Ministério da Saúde. Nesse grupo, encontram-se notificações relacionadas à, além da automutilação, tentativas de suicídio, suicídio, autoflagelação e autopunição. Esses dados são coletados pelos diversos dispositivos de saúde do SUS e, apesar de não se referirem especificamente às práticas automutilatórias, nos ajudam a vislumbrar um panorama de quais corpos mais realizam lesões autoprovocadas no Brasil:

---

<sup>1</sup> "Mental Health and Wellbeing in England. Adult Psychiatric Morbidity Survey 2014" eds. 2016, p.14, [https://files.digital.nhs.uk/pdf/q/3/mental\\_health\\_and\\_wellbeing\\_in\\_england\\_full\\_report.pdf](https://files.digital.nhs.uk/pdf/q/3/mental_health_and_wellbeing_in_england_full_report.pdf). Acessado em 23 out. 2018.



Fonte: Ministério da Saúde/SVS - Sistema de Informação de Agravos de Notificação - Sinan Net

Os dados expostos no gráfico indicam um crescimento constante nos últimos anos de lesões autoprovocadas no Brasil, bem como revelam que pessoas do sexo feminino realizam praticamente o dobro desses tipos de lesões em comparação com pessoas do sexo masculino. Unindo-se os dados nacionais e internacionais, percebe-se que o fenômeno da automutilação em jovens e mulheres se destaca, e isso já pode ser observado na clínica e em ambientes nos quais os adolescentes socializam, especialmente no espaço escolar.

Os cortes e escarificações<sup>2</sup> que definem a prática automutilatória (também conhecida como *cutting*) geralmente são efetuados por meio de objetos perfurocortantes (lâminas, facas, agulhas, etc.), e dizem sobre um modo peculiar de se relacionar com o próprio corpo. Diversos fatores vêm incidindo para esse cenário, e conceitos como o feminino, a adolescência e o corpo entrecruzam-se criando multideterminações para o fenômeno em questão. Somado a isso, entendemos que as transformações ocorridas no mundo contemporâneo no campo da produção de subjetividades criaram um ambiente para que o fenômeno da automutilação ganhasse (o) corpo.

A partir disso, pretendemos neste artigo encontrar norteadores teóricos que nos ajudem a compreender o fenômeno em questão. Nesse sentido, a psicanálise se apresenta para nós como mais um saber que se fundamenta na clínica e que pode produzir conhecimento sobre tal fenômeno, a partir de autores como Freud, Lacan e outros psicanalistas contemporâneos.

### **A falência dos ordenadores simbólicos tradicionais**

<sup>2</sup> Conjunto de arranhões ou pequenos talhos sobre uma superfície. (MICHAELIS, 2018)



No mundo atual, transformações ocorridas no campo dos ordenadores simbólicos tradicionais (os quais entraram em falência) produziram alterações nos sujeitos e na forma como estes se relacionam com o mundo. Como característica desse novo cenário, essas novas subjetividades são marcadas pela presença de sintomas que dizem sob a forma de usufruir e sentir o próprio corpo. Nesse sentido, Antunes e Santos (2003) assinalam para a leitura que passou a ser feita dentro da psicanálise lacaniana a partir do *Seminário 20: Mais, ainda* (1972-1973), em que a feminilidade é entendida a partir da lógica de subjetivação do *não-todo*, e como a partir disso podemos pensar, nos dias atuais, o emergir de sintomas diversos que buscam suplantam os anteriormente já consagrados modos de subjetivação, hoje em desuso:

Essa nova lógica, a do *não-todo*, permite apreender toda uma classe de sintomas que proliferam na cultura contemporânea. A expansão da reivindicação feminina deslocou mais ainda o já tão abalado princípio paterno. Em contrapartida, no lugar do pai como sintoma coletivo e das instituições que o tomam como modelo (a família, a paternidade, a maternidade, o dispositivo da aliança, o amor ao trabalho e às futuras gerações), vemos proliferarem sintomas cada vez mais idiossincráticos, bizarros, singulares e difíceis de classificar (ANTUNES e SANTOS, 2003, p.60).

Nesse contexto, em que os antigos modos de subjetivação que ditavam aquilo que o sujeito deveria ser em diversos campos de sua vida não mais dão conta do presente, uma certa desorganização subjetiva se apresenta. Nesta, o sujeito busca pontos de ancoragem para suportar o Real. É pensando como efeito de uma transformação social, especialmente presente no século XXI, onde surgiram novas formas de subjetivação e também novos sintomas, que entendemos a emergência daquilo que Forbes (2012) chama de *homem desbussolado*:

O homem desbussolado do século XXI surge como efeito da mudança de eixo das identidades, de vertical para horizontal. Essa mudança progride no sentido de apagar os restos das marcas da tradição que estruturavam o laço social: a diferença geracional e a diferença sexual, que regulavam o uso do corpo e dos prazeres na ética do mundo antigo (FORBES, 2012, p.XVIII).

Essa mudança no eixo das identificações produzida no contemporâneo é fruto, de forma sintética, daquilo que Miller (2016) define como “o declínio do patriarcado”. Trata-se de uma mutação de ordenadores simbólicos onde o “pai”, que anteriormente tinha uma função central para a amarração dos três registros (real, simbólico e imaginário), foi degradado por meio dos constrangimentos que lhe foram impostos pelo discurso da ciência. Entre esses constrangimentos, Miller (2016) indica não só o poder da procriação tendo saído do arbítrio do

pai, como também a transmissão do saber, hoje obtida por meio de *gadgets* (dispositivos eletrônicos portáteis) de comunicação, escapando dessa voz paterna (MILLER, 2016).

É importante que se entenda o termo “pai”, entretanto, sob a égide da metáfora lacaniana do *Nome-do-Pai*, que seria aquela que ordena simbolicamente a forma de cada um se relacionar como o mundo e determina, a partir do modo como se responde à essa metáfora, em que estrutura subjetiva (neurose, psicose ou perversão) o sujeito se assentará. Miller nos alerta, todavia, para o não desaparecimento do *Nome-do-Pai*, mas sim seu enfraquecimento (MILLER, 2016).

Marcado por essas transformações oriundas dos diversos constrangimentos que a ciência, assim como também o mercado e os meios de comunicação provocaram sobre esses ordenadores simbólicos tradicionais, no mundo atual não se determina, tão claramente, quais caminhos os sujeitos devem escolher para si. Nesse sentido, percebemos que esse desbussolamento pensado por Forbes (2012) apresenta-se, em muitos momentos, de forma sintomática na adolescência.

### **Adolescência e fenômenos de identificação**

A partir dos dados estatísticos supracitados e das experiências clínicas, percebemos que é na juventude, especialmente na adolescência, que a prática da automutilação vem apresentando-se com maior incidência. Nessa fase, um estranhamento com o corpo em transformação se mostra de forma mais direta. A desorientação do sujeito diante dessa situação irrompe, em muitos casos, em tentativas de ancoragem e suporte simbólico no Real do próprio corpo. Este passa a ser visto e sentido ao mesmo tempo como corpo próprio e estranho. Surge, com isso, um espaço propício para a manifestação de um mal-estar:

O corpo adolescente traz as marcas do novo inaugurado pela puberdade. Esse despertar que irrompe desorienta o próprio sujeito e o Outro social. Cada adolescente tem que se virar com esse real, gerando uma resposta singular. Frequentemente essas novas respostas incluem o excesso, onde os fenômenos do corpo giram em bando buscando um ponto de amarração. (REINOSO, 2017, p.1)

Para entendermos essa fase da vida buscamos as contribuições de Miller (2016) em seu texto *Em direção à adolescência* (2016), que trata sobre os dilemas dos jovens no contemporâneo. Ele trata a adolescência como um período da vida do sujeito marcado pela transição entre a infância e a fase adulta. Miller (2016) destaca, primeiramente, o caráter de construção histórica do termo “adolescência”. Posteriormente, mostra como esta definição, na

psicanálise, engloba três pontos: a saída da infância; a diferença dos sexos; e a *imiscuição* do adulto na criança (MILLER, 2016).

O que Miller (2016) define como *a saída da infância* se refere a algo que diz respeito à dimensão biológica e psicológica da puberdade. Ou seja, trata-se das transformações hormonais próprias desse período da vida humana e dos efeitos psicológicos advindos dessas mudanças. O estranhamento com o corpo em transformação pode ser pensado como efeito dessas alterações anatômicas próprias dessa fase.

Já o ponto destacado por Miller (2016) como a *diferença entre os sexos* relaciona-se com o momento em que as distinções entre o corpo masculino e feminino se apresentam de forma mais clara. É nesse sentido que ele assinala que tanto para Freud como para Lacan, a puberdade representa uma “escansão” (decomposição gradual) tanto sexual do desenvolvimento, como também da história da sexualidade (MILLER, 2016).

O terceiro e último ponto definido por Miller (2016) em seu texto refere-se ao tempo em que o narcisismo se reconfigura. É nesse momento onde a personalidade adulta passa a ser incorporada pelo sujeito a partir do apego à certas mensagens. Estas podem estar relacionadas à uma demanda de maior independência e liberdade para agir no mundo. Miller (2016) aponta os textos lacanianos que identificam esse fenômeno como uma espécie de *imiscuição* (mistura), onde ocorre a antecipação da posição adulta na criança (MILLER, 2016). Tudo isso é indicado por Miller (2016) como pontos que constroem esse conceito de “adolescência” e desenham, de certa forma, essa fase da vida do sujeito como um campo de transição onde dilemas diversos surgem ao mesmo tempo.

A partir dessas questões destacadas por Miller (2016) acerca da adolescência, diversos caminhos de discussão podem ser trilhados. Entre esses, o próprio autor pontua sobre o acesso às informações por meio do mundo virtual como uma via de produção de uma espécie de *autoerótica do saber*, haja vista o prescindir do Outro para obtenção desse saber. Este, agora, pode ser obtido mediante uma simples demanda formulada à máquina. Isso retira das mãos do “pai” o monopólio do conhecimento, fazendo com que o jovem tenha acesso à informações diversas, vindas dos locais mais variados sem um controle, por exemplo, familiar.

Ainda nesse cenário que se apresenta no mundo contemporâneo, em que o Outro perdeu o poder de controle absoluto do saber, e não serve mais como referencial simbólico ordenador tão claro, a relação que o adolescente constrói com esse Outro muitas vezes desemboca em um sofrimento marcado por ideias, definidas por Miller (2016) como de “uma realidade imoral”:

Notamos como se espalham, hoje, as teorias do complô, a ponto de nos espantarmos com o número de estudantes de todas as idades, do Ensino Médio e universitários, que aderem a elas. Essa seria a maneira de os estudantes evocarem o grande Outro, mas sob uma forma degradada e muito nociva. Isso cola suficientemente com aquilo que é dito: a realidade imoral do Outro do complô. (MILLER, 2016, p.26).

Dessa forma, o Outro surge na vida do adolescente não mais como referencial ordenador ou limitador de sua ação no mundo. A relação com esse Outro é marcada por uma visão degradada deste, e o jovem vive a suspeita constante de um complô contra si. É nesse sentido que muitos jovens assinalam para um sofrimento que surge a partir dessa relação com o mundo, na qual há sempre a marca de uma desconfiança, quando não de uma certeza, de que exista algo sendo feito contra eles.

Para se defender desse mundo, Miller (2016) cita o estudo de Hélène Deltombe que identifica nos jovens o surgimento de formas de “socialização sintomáticas”: alcoolismo, toxicomania, anorexia-bulimia, delinquência, suicídios de adolescentes em série, etc. (MILLER, 2016). Assim, é entre essas formas de socialização sob o modo sintomático que a automutilação vem a se somar, a partir da procura e participação desses jovens nos grupos de compartilhamento de imagens e discussões nas redes sociais sobre o tema. E, em conjunto com esse fator, ainda podemos ver em Miller (2016) uma leitura desta fase da vida como um território marcado por diversos impasses que se referem à dimensão do “individualismo democrático”.

Em uma sociedade que preconiza o individual em detrimento do coletivo, não se aceita tão facilmente qualquer ordenação que ameace a autonomia do indivíduo. Isso se reflete no descontentamento dos adolescentes atuais e em uma série de pontos-chave que apresentam-se nessa fase, como: uma demanda de respeito difusa (não se sabe de quem se espera respeito); um não reconhecimento de algo ou alguém a quem respeitar (a família e a sociedade perdem a força de referencial para o sujeito); a falência de discursos direcionadores do que deve se fazer para ser homem ou mulher (a ampliação das possibilidades de ser e agir no mundo causam indecisões angustiantes no jovem); entre outras mutações da ordem simbólica que seriam efeitos dessas transformações (MILLER, 2016).

Frente ao cenário atual, os jovens inventam outros modos de lidar com o mal-estar. É nesse sentido que muitos adolescentes fazem uso da automutilação como uma prática que visa reduzir o sofrimento. Diante da indeterminação de um mal-estar, que transita entre a mente e o corpo, corta-se a própria pele e obtêm-se, por esse meio, um alívio momentâneo da angústia, bem como cria-se uma localização para ela. A escolha da automutilação como prática,

entretanto, é marcada por aquilo que Freud ([1921] 1996) revelou ao analisar os fenômenos de massa e agrupamento que o sujeito participa.

### **Fenômenos de identificação**

Encontramos em Freud ([1921] 1996) textos que falam sobre os fenômenos de identificação e que explicam como, por meio do laço emocional, mais sujeitos se agrupam em torno de um campo comum. Sobre esses fenômenos grupais, em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), Freud afirma que a identificação se constitui como “a forma mais primitiva e original do laço emocional” (FREUD, [1921] 1996, p.116). É a partir dessa primeira identificação no campo do laço emocional que, posteriormente, estes passam a direcionarem-se para o mesmo objeto. No caso dos jovens que apresentam fenômenos de automutilação, nos parece que a identificação ocorre primeiramente no que concerne a emoção (geralmente a tristeza). Posteriormente, passam a concentrar-se no mesmo objeto, ou a fazer uso de um sintoma semelhante, neste caso a automutilação.

Entende-se assim que é a partir da identificação dentro de um grupo que se diz sofrendo, marcado por um mal-estar oriundo do convívio com o mundo, que os jovens passam a concentrar-se nesse objeto que os faz pertencentes ao mesmo grupo e, neste caso, o objeto que os une é o próprio corpo como campo de prática de cortes. O próprio ato de mutilar-se configura o pertencimento à um grupo específico, identificando-se com outros que também encontram nessa via um modo de materializar seu sofrimento.

Existem hoje nas redes sociais diversos grupos de compartilhamento e divulgação sobre a prática da automutilação. Em plataformas como o *Facebook* e o *Tumblr*, por exemplo, são dezenas de comunidades, páginas e perfis que divulgam esse fenômeno de forma ampla e disseminada. O conteúdo textual associado às imagens geralmente relacionam-se à estados emocionais melancólicos, e a identificação com estes estados indica aos jovens aquilo que Freud chamou de primeiro laço de identificação com o objeto:

[...] primeiro, a identificação constitui a forma original de laço emocional com um objeto; segundo, de maneira regressiva, ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio de introjeção do objeto no eu; e, terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de pulsão sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço. (FREUD, 1996, p.)

A partir do acesso às redes sociais, por meio de imagens e conteúdos que ligam um estado emocional vivido por um sujeito à uma prática como a da automutilação, sua adesão se

tornará uma opção viável e muitas vezes atraente para o sujeito. Também podemos relacionar o aumento de casos de automutilação ao aumento de acessos às redes sociais, traço marcante de nossa sociedade digital, que torna mais acessível e rápida as identificações.

Portanto, com mais pessoas se informando sobre a existência de uma prática associada à um estado emocional semelhante ao vivido por elas, maior será a possibilidade de sujeitos optarem por fazer uso dessa prática. Sua adesão, contudo, deve ser entendida como um ato absolutamente singular, que não encontra respaldo em nenhum ordenador simbólico maior, formando-se a partir do anseio que o sujeito tem de dar conta de seu sofrimento.

Voltar-se para o próprio corpo buscando dar conta de um sofrimento pessoal, não obstante, já vinha sendo descrito por Freud ([1915] 1996) como um caminho comum de escolha ainda na sociedade pai-orientada. Porém, na adolescência vivida no contemporâneo, as redes sociais utilizadas pelos jovens possuem os conteúdos que indicam a prática do corte (*cutting*) como meio possível de alívio da dor emocional. A partir disso, o voltar-se para o próprio corpo por meio desses cortes, realizado pelos adolescentes, ganha maior amplitude.

Portanto, é nessa fase de transformação que o sujeito reconhece e sente a partir do seu corpo, que estranhamentos e angústias diversas surgem. E é em um corpo que muitas vezes não corresponde à um ideal construído, em um corpo estranhado, desconhecido (sensação comum na adolescência), que se gera como consequência, a partir dos fenômenos de identificação e socialização supracitados, um voltar-se agressivamente contra si como saída para suportar um sofrimento. Por essa via, por sua vez, se obtém algo relacionado ao gozo.

O gozo obtido por esse caminho não é, necessariamente, algo atrelado ao prazer sexual, mas sim um gozo que está para além do princípio do prazer. Ele flerta com a pulsão de morte, construindo-se, em muitos momentos, como um sofrimento que se repete compulsivamente.

### **Corpo, autopunição e gozo**

Quando um sintoma se forma, este tem a função de cumprimento de um desejo. Nesse sentido, Freud já chamava a atenção “para o caráter punitivo do sintoma como uma saída para a realização de desejos, porém, de forma disfarçada e refreada” (DAIBERT & CALDAS, 2012, p.589). Em *A pulsão e seus destinos* (1915), Freud assinala para como o sujeito é afetado por uma tensão que o impele e o faz mover. Os destinos para esta pulsão, assinalados pelo pai da psicanálise, são quatro: reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu, recalque e sublimação. O “retorno em direção ao próprio eu” iniciaria uma reflexão sobre o masoquismo, entendido por Freud como um sadismo voltado ao Eu (FREUD, [1915] 1996).

O fenômeno automutilatório que se torna crescente na atualidade não guarda relação, exclusivamente, com a lógica masoquista. O direcionamento para o próprio corpo, nos contornos atuais, surge como um movimento que é feito pelo sujeito ao tentar responder a esta dimensão definida como “pulsão” por Freud ([1915] 1996) em qualquer estrutura clínica. A satisfação obtida por meio de uma prática automutilatória, em muitos momentos, se encontra para além do princípio do prazer. É a pulsão de morte, definida por Freud em seu texto *Além do princípio do prazer* (1920) que irá indicar para a paradoxal escolha realizada pelo sujeito, onde o desprazer se apresenta como experiência necessária para que se reforce um escudo protetor do sujeito (FREUD [1920], 1996). Viver em uma cultura na qual o contato constante com o outro nos exige a renúncia de certas pulsões, somente reforça esse direcionamento para si como saída encontrada pelo sujeito.

No que concerne às essas reflexões, no *Mal-Estar na civilização* (1930) Freud indica para a renúncia dessas pulsões como um movimento necessário de ser realizado pelo homem para que se consiga viver na cultura. O efeito gerado por esse movimento, entretanto, é um aumento da força do Supereu. Este, muitas vezes se volta destrutivamente contra o Eu. Assim, a pulsão de morte se torna cada vez mais presente no sujeito:

A agressividade é introjetada, internalizada, mas é propriamente mandada de volta para o lugar de onde veio, ou seja, é dirigida contra o próprio Eu. Lá é acolhida por uma parte do Eu que se contrapõe ao resto como Super-eu, e que, como “consciência”, dispõe-se a exercer contra o Eu a mesma severa agressividade que o Eu gostaria de satisfazer em outros indivíduos. (FREUD, [1930] 2010, p.59).

Viver na cultura, portanto, já pressupõe a renúncia das pulsões e, em muitos casos, o voltar-se agressivamente contra si como estratégia de manifestação de algo que não pode ser direcionado contra outros sujeitos. Na adolescência, período da vida onde conflitos diversos ocorrem, muitas vezes oriundos do desejo de agir no mundo, mas marcados por uma sensação de impotência e aprisionamento, esse sintoma vem se tornando cada vez mais atraente. E é por esta via que se obtém algo relacionado ao gozo no corpo.

Pensar o conceito de corpo na psicanálise, desse modo, torna-se importante nesse momento. Fazemos isso a partir das contribuições de Castellanos (2009), que entende o corpo na psicanálise lacaniana, a partir do *Seminário 20*, como tendo sofrido uma mudança de perspectiva. O homem, uma vez atravessado pela linguagem, ganhou status de sujeito marcado pela falta. Esta falta é o que divide seu ser e seu corpo, reduzindo este último ao status de ter (CASTELLANOS, 2009). O sujeito que é marcado pela linguagem tem um corpo, mas não é esse corpo. Na psicanálise de orientação lacaniana esse ser que une linguagem e corpo passou

a ser definido como um *ser falante* (CASTELLANOS, 2009). E é desse corpo, portanto, que se goza.

Pensamos, à vista disso, que a automutilação se relaciona com o conceito de gozo em psicanálise que situamos, especificamente, naquilo que Miller (2012) identifica como o sexto paradigma deste termo adotado por Lacan, definido como o gozo da *não-relação*. Nesse paradigma, que Miller (2012) define a partir do que é desenvolvido por Lacan no *Seminário 20*, a linguagem passa a ser pensada como efeito secundário de *lalíngua*, ou seja, em algo que está para além da significação. A fala, por sua vez, deixa de ser entendida como comunicação, passando agora para o status de gozo (MILLER, 2012). É nesse paradigma, ainda, que as estruturas em psicanálise, enquanto instâncias produtoras de significado, podem passar a ser questionadas a partir das noções de rotina e de invenção (MILLER, 2012).

Nesse contexto, o gozo é pensado como “coisa” que existe, e só existe dentro de um corpo vivo. O paradigma da *não-relação* se apresenta na disjunção entre o gozo e o Outro (MILLER, 2012). Isso se dá a partir da constatação de uma *não-relação* que se apresenta no seio de nossa sociedade, conforme Miller indica:

Trata-se de redescobrir, na própria psicanálise, o que triunfa hoje no laço social, o que se chama, sem que se pense muito nisso, de individualismo moderno e que torna, de fato, problemático tudo o que é relação e comunidade [...] (MILLER, 2012, p.44).

Nesse sentido, entende-se que o paradigma do gozo da *não-relação* se alinha ao modo individualista que impera em nossa sociedade. Ou seja, a própria noção de “relação social” se une a noção de “relação sexual” e ambas são pensadas como impossíveis, pois os modos de gozo não se compartilham, haja vista que cada sujeito faz uso do seu gozo de forma particular, o realiza enquanto movimento de invenção. Miller (2016) sintetiza essa noção do gozo Uno da seguinte forma:

Mas, se observamos isso lucidamente, o gozo Uno apresenta-se como gozo do corpo próprio, gozo fálico, gozo da fala, gozo sublimatório. Em todo o caso, como tal, ele não se dirige ao Outro. O gozo, como tal, é gozo Uno. É o reino do gozo do Um (MILLER, 2012, p.46).

Nesse sentido, pensamos o conceito de gozo não como aquele meramente de cunho sexual. O gozo, nesse paradigma, se apresenta antes de tudo como solitário e assexuado. Miller (2012) afirma também que nesse contexto ele escapa da já problemática noção de estrutura (MILLER, 2012).



Dessa forma, quando Lacan ([1972-73] 1985) afirma que “a relação sexual não existe”, ele explica que esse modo de gozo é solitário, independente do Outro. Somado a isso, a partir dessa noção a estrutura passou a ser pensada como uma instância que apresenta furos, os quais darão espaços para “a invenção, para algo de novo, para os conectores que não estão ali desde sempre” (MILLER, 2012, p.48). A automutilação é um fenômeno que, apesar de oferecer uma sensação de pertencimento à um grupo e estar ligada aos processos de identificação, é realizada de forma predominantemente solitária, individual, e pode ser lida como essa invenção que o sujeito produz dentro dos furos de cada estrutura.

Pensamos ser dentro dessa noção de gozo proposta por Lacan ([1972-73] 1985), marcada pela abertura de novas formas de subjetivação, na qual a rotina e os modos de agir pulverizaram-se em incalculáveis possibilidades, que a automutilação vem se apresentando como mais um “modo de gozo” disponível de ser utilizado pelo sujeito. O fenômeno, portanto, se alinha ao conceito de gozo Uno, gozo do corpo próprio. Acrescido a isso, seu uso pelos sujeitos é uma invenção, uma manifestação do gozo singular que não se restringe à uma estrutura específica, ainda que dentro delas se apresente enquanto furo ou enquanto o real que ali se manifesta:

Por um movimento irresistível, o transcendental dá lugar ao pragmático. Isso não quer dizer que não haja estrutura, que tudo é semblante. Há o real, mas, hoje, diferentemente de antes, é muito mais difícil isolar e cingir o que é estrutura e o que é real (MILLER, 2012, p.48).

Desta maneira, a automutilação pode ser entendida como um reflexo da intrusão desse gozo, este entendido a partir do paradigma da *não-relação* e não, necessariamente, como a busca por uma satisfação corporal associada às sensações prazerosas. Esses cortes servem para localizar a invasão do real sentido como angústia no corpo. Essa angústia, por sua vez, sofre uma transformação materializando-se em ato contra este corpo. A dor resultante dessa ação, paradoxalmente, serve como instrumento de alívio da angústia. Nesse sentido, a função do corte seria a de aliviar e localizar um gozo, antes indeterminado, em um ponto de dor específico no corpo. A prevalência de fenômenos de automutilação em mulheres, por sua vez, diz algo sobre a lógica de subjetivação e produção de gozo própria do feminino.

### **O feminino e o não-todo**

A forma como o feminino vem sendo entendido pela psicanálise nos ajuda a compreender as transformações sociais a partir da alteração dos modos de subjetivação, bem como torna possível observar como as diferentes formas de sexuação vivem e sentem tais

transformações sociais de um modo particular. Freud em seu texto *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925) assinalava para a dimensão do corpo como determinante para uma formação subjetiva. Nesta obra ele indica como, na menina, são exigidas mais mudanças que no menino. Primeiro se exige uma mudança no seu órgão sexual e posteriormente altera-se o seu objeto de amor, que inicialmente era a mãe, para em seguida dirigir-se uma demanda ao pai, de forma inconsciente (FREUD [1925], 1996).

Nessa obra, Freud ([1925] 1996) explica o complexo da castração na mulher como marcado pela descoberta da ausência do pênis que representaria o falo, fato este que desencadearia uma inveja (*penisneid*), posteriormente um ciúme, em seguida uma raiva da mãe por não ter concebido com este objeto e, finalmente, um direcionamento do desejo da menina para o pai (FREUD [1925], 1996). A partir de Lacan ([1958] 1998) entendemos o falo em termos de uma representação significativa, presente em ambos os sexos, distanciando-se do apoio anatômico.

Lacan em *A significação do falo* (1958) explica o complexo de castração como um efeito de linguagem, no qual o falo deixa de ser um objeto específico e passa a ser entendido como um significante, esclarecido por sua função e por seus efeitos, que muitas vezes é o de alienação do sujeito de suas necessidades e instauração da presença do desejo do Outro:

O falo é aqui esclarecido por sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isso um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade implicada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clítoris, que ele simboliza. E não foi sem razão que Freud extraiu-lhe a referência do simulacro que ele era para os antigos. Pois o falo é um significante, um significante cuja função, na economia intra-subjetiva da análise, levanta, quem sabe, o véu daquela que ele mantinha envolta em mistérios. Pois ele é o significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos de significado, na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante. (LACAN [1958], 1998, p.696-697)

A partir disso, é importante que se entenda o modo de gozo fálico, definido por Lacan como aquele que possui um suporte que é localizável e finito (MILLER, 2016). Em contraposição à esse modo de gozo, definido como masculino, vemos um gozo que é infinito, ao menos no sentido de não localizável, e que passa a ser definido como um gozo suplementar, não-todo fálico, típico do feminino (MILLER, 2016). E, embora na maioria das vezes o feminino corresponda à uma mulher, esse tipo de gozo feminino não está presente apenas nas mulheres, em corpos biológicos do sexo feminino.

Para compreender de que forma esse feminino é pensado por Lacan, já partiremos daquilo que convencionou-se chamar de segunda clínica lacaniana, em que o sujeito ganhou

status de ser falante. No *Seminário 20*, quando Lacan expõe as fórmulas de sexuação (sobre os seres falantes alinhados às mulheres, em específico) ele elabora uma explicação do que seria o gozo *não-todo fálico*:

[...] quando um ser falante qualquer se alinha sob a bandeira das mulheres, isto se dá a partir de que ele se funda por ser não-todo a se situar na função fálica. É isto o que define a ... a o quê? - a mulher justamente, só que A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher pois - já arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes? - por sua essência ela não é toda. (LACAN, 1972-73 [1985], p.98)

Importante observar como Lacan pontua “o ser falante qualquer que se alinha sob a bandeira das mulheres” (LACAN, 1972-73 [1985], p.98). Isto indica que, dentro dessa lógica do *não-todo*, o que determinará se um sujeito é ou não uma mulher é o alinhamento que este ser falante tem com a posição *não-toda fálica*, e não, necessariamente, o sexo biológico ao qual o mesmo possui. Portanto, um ser falante qualquer que se “alinhe sob a bandeira das mulheres”, como diz Lacan ([1972-73], 1985), é um ser que não se submete à uma ordenação *toda fálica*.

A mulher que aderiu à esse modo de gozo (feminino) não está completamente dentro da lógica significante que estabelece limites para este gozo (a lógica fálica). O falo, como significante ordenador, é também um significante limitador, diz até onde se pode ir, até onde se pode gozar, e oferece limites para o desejo do sujeito de forma bem mais clara. Este seria o modo de gozo masculino. Já no feminino, na constituição subjetiva da mulher, não há essa submissão completa ao significante fálico. Ou seja, não existe um limite do desejo tão claramente marcado por um significante de ameaça como há no homem.

A mulher, ao não se submeter completamente a regra fálica, passa a não ter os mesmos limites do masculino quanto ao seu modo de gozo e quanto ao caminho que poderá percorrer. Não sendo completamente sujeitada aos limites que o falo impõe, acaba também por não estar inserida completamente dentro de um conjunto facilmente identificado pelos limites de suas possibilidades. É por isso que Lacan pontua, ainda em seu texto *Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina* (1960), que a mulher faz uso do homem como um conector “para que a mulher se torne esse Outro para ela mesma, como o é para ele” (LACAN [1960], 1998, p.741).

Nesse sentido, a mulher na psicanálise passa a ser tomada uma a uma, não pertencendo à “classe das mulheres”, haja vista que cada mulher se inventa fora de um limite fálico, não tendo “uma exceção que funde a regra”, tão presente no mito edípico que funda o masculino e os une em torno de um conjunto. Isso ressoa no direcionamento do gozo feminino para campos

muito mais variados que o direcionamento masculino. Nessa variação de direcionamento, o voltar-se para si se apresenta de forma muito mais possível no feminino que no masculino, haja vista que a mulher pode tomar como o Outro inclusive a si mesma, como bem denota Lacan (1960).

Sendo a mulher, portanto, sempre *não-toda*, o uso que se faz de um sintoma como a automutilação por meninas adolescentes sempre recai sob a ordem do singular. Ou seja, a função que o corte tem para uma menina nunca será a mesma que é para outra. Tentar encaixar o feminino em uma lógica *standartizada* é fazer uma leitura do sujeito com um aparato teórico estranho a este. Dessa forma, cada motivo desencadeador da automutilação pelas jovens adolescentes é um motivo único. Seu direcionamento para o próprio corpo, entretanto, não impede de ser pensado como um movimento feminino que visa dar conta do real, este sendo entendido a partir da ordem do impossível da relação, mas também como um movimento de invenção e enfrentamento na contemporaneidade.

### **Conclusão**

A partir das discussões e reflexões desenvolvidas, entendemos que o fenômeno da automutilação em adolescentes que se apresenta no contemporâneo guarda em si um entrecruzar de diversos pontos: um processo identificatório fortemente marcado pelo acesso que as redes sociais produzem na adolescência; um desejo de pertencimento à um grupo específico, ainda que este grupo se alinhe por meio de uma socialização sintomática (automutilação, anorexia, bulimia, alcoolismo, toxicomania, etc.); um efeito da perda de referenciais ordenadores simbólicos anteriormente hegemônicos, ou seja, a falência da sociedade pai-orientada; e às transformações próprias da adolescência, onde o estranhamento com o corpo que se transforma apresenta-se de forma mais pontual.

No que tange ao maior uso da automutilação por jovens ser visto em mulheres, entendemos que o ato de se mutilar serve como uma forma de circunscrever os excessos do gozo feminino (*gozo não-todo fálico*) no corpo, que podem ou não se manifestar como angústia. Esta angústia, por sua vez, não se direciona ao corpo, pois ela é, em si mesma, sempre no corpo. Entretanto, ressalta-se que os homens também podem se posicionar a partir da lógica do *não-todo*, assim como as mulheres que se posicionam a partir da lógica fálica.

Como caminhos para a atuação clínica diante desse fenômeno, entendemos que existem diversas possibilidades. Partimos da ideia de que não devemos, necessariamente, inserir o sujeito que faz uso dessa prática em um enquadre patologizante, e identificamos a

automutilação como um fenômeno transestrutural, que pode se apresentar em qualquer estrutura clínica clássica (neurose, psicose, perversão) e até mesmo nas psicoses ordinárias.

É importante que não se prescindia, em alguns casos mais graves, de um auxílio medicamentoso. Apenas para situar a questão, nesse campo, pesquisas da área de psiquiatria já identificam a maioria dos praticantes da automutilação como pertencentes à um transtorno mental predominante, a saber o Transtorno de Personalidade Limítrofe (o *Borderline*), e definem como causas principais problemas relacionados ao ambiente familiar. O uso de medicamentos, entretanto, não pode ser visto como condição obrigatória em todos os casos de automutilação. E a leitura que fazemos do fenômeno passa longe desse enquadramento do sujeito em uma lógica patologizante.

Entendemos que pela via da fala podemos obter efeitos que direcionem essas jovens para o campo do cuidado de si. Nesse sentido, se permite e se convoca o adolescente que muitas vezes se cala de palavras, mas que usa o corpo para falar por meio dos cortes, para que invente novas formas de dizer sobre seu sofrimento. É importante que isto fique bem demarcado: convocá-lo e não intimá-lo. Pela via da obrigação se produzirá o recrudescimento dessa fala livre e espontânea, que muitas vezes não surge justamente por falta de incentivo, mas que também pode não surgir por falta de um repertório discursivo.

Sobre as possibilidades de enfrentamento da questão, encontramos em Reinoso (2017) uma interessante via. Ao identificar dentro da clínica, que na prática de uma jovem que se automutilava havia uma demanda por “mais respeito” que não encontrava para quem ser direcionada, o autor buscou alojar essa demanda de ajuda do sujeito de “mais respeito”, antes difusa, no Outro parental, ou seja, em uma figura pertencente à família da jovem e que, de fato, era forte causadora de angústia na mesma. A menina, entretanto, não conseguia fazer essa ligação. Como efeito dessa interpretação, buscou-se superar o dilema sintomático do “fazer sair a voz e não ficar apenas olhando” (REINOSO, 2017, p.4) que se apresenta em muitos jovens que fazem uso da automutilação, pois os mesmos, em muitos contextos, não falam sobre seus sofrimentos por falta de espaço e privacidade. Na adolescência, esse “silenciar-se da voz” por vezes desemboca nesse “falar pelo corpo” que as automutilações produzem.

Outro ponto a ser indicado é que o espaço para atuação clínica, nesses casos, deve ser expandido, escapando do *setting* clínico clássico e indo até onde o jovem está. Nessa perspectiva, um campo valioso de atuação clínica é no ambiente escolar, onde encontraremos diversos jovens que fazem uso dessa forma de significar a dor sem, no entanto, encontrarem espaços onde tais práticas possam ser pensadas sob um ponto de vista mais amplo. Esses jovens, inclusive, muitas vezes não chegarão ao espaço clínico clássico, sendo ali no ambiente escolar

a oportunidade de se oferecer uma escuta não marcada pelo julgamento e que aponte para a via do cuidado de si como caminho possível de surgir para aquele jovem.

Nesse sentido, Zimmermann (2007) nos apresenta uma experiência interessante, e que assinala para uma atuação clínica extra-muros com adolescentes definidos por ela como “estados-limite”. Embora trate-se de uma leitura diferente da juventude, a forma de atuar apontada por Zimmermann (2007) também serve para ser pensada com jovens que fazem uso de socializações sintomáticas como a automutilação:

[...] concluí que para esses adolescentes estados-limite, a instituição escolar é privilegiada enquanto espaço para que sejam realizadas intervenções terapêuticas. Por quê? Quase sempre as limitações dessa população costumam eclodir e exacerbar-se neste espaço, e será nele que, tanto o social, como a família e o sujeito, tenderão a investir mais no sentido de buscar respostas para as mesmas, esperando que ali o adolescente seja capaz de construir seu projeto de vida. (ZIMMERMANN, 2007, p.11)

O deslocamento para o espaço escolar com o intuito de manter contato com jovens que vem fazendo uso da automutilação é, portanto, um importante passo que deve ser dado para que se tente, junto com o jovem, pensar em formas menos autoagressivas de lidar com o sofrimento. Tais exemplos, pela via da clínica ou da escola, são apenas indicações pontuais do que se pode fazer diante desse cenário. Ressalta-se ainda que, na nossa perspectiva, a automutilação em jovens é um fenômeno multideterminado, que possui contornos próprios no mundo atual, e que se apresentam inúmeras formas de lidar com a questão. Desse modo, os conceitos trabalhados neste artigo não esgotam a complexidade do fenômeno.

Assim sendo, podemos então concluir que essa realidade que se apresenta de modo cada vez mais intenso na clínica exige de nós um olhar amplo, que nos impele a sair do *setting* clássico, bem como demanda um entendimento dessa prática como um fenômeno social. Os desafios que se impõem para a clínica determinam que se reconheça o caráter grupal da automutilação, os efeitos de gozo que essa prática produz e os dilemas corporais que se inscrevem na juventude de modo mais substancial. A forma de lidar com o fenômeno talvez demande de nossa parte a entrada no mesmo caminho onde ele é produzido, ou seja, na via da invenção e da contingência. É preciso que se busque no um a um, no caso a caso, entender qual a função que os cortes exercem para aquele sujeito que se corta, e só a partir daí, pensar em caminhos alternativos menos autoagressivos e marcados pelo cuidado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, M. C. & SANTOS, T. C. dos. Novas subjetividades ou novos sintomas? In: PINHEIRO, T. [org.] **Psicanálise e formas de subjetivação contemporâneas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p.43-60
- CASTELLANOS, S. **El dolor y los lenguajes del cuerpo**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009.
- DAIBERT, D. O. M. M. & CALDAS, H. O Imperativo de Gozo do Supereu e sua Conexão com a Demanda de Amor Insaciável das Mulheres. In: **Revista Mal-Estar e Subjetividade**. Fortaleza, Vol. XII, Nº 3-4. p.583-606
- FORBES, J. **Inconsciente e Responsabilidade**. Psicanálise do Século XXI. São Paulo: Manole, 2012.
- FREUD, S. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego (1921)**. In:\_\_\_\_\_. Op. cit. v. XVIII. p.78-154.
- FREUD, S. **Além do princípio do prazer (1920)**. In:\_\_\_\_\_. Op. cit. v. XVIII. p.11-76.
- FREUD, S. **A pulsão e seus destinos (1915)**. In:\_\_\_\_\_. Op. cit. v. XIV. p.115-144.
- FREUD, S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925)**. In:\_\_\_\_\_. Op. cit. v. XIX. p.273-293.
- FREUD, S. O Mal-Estar na Civilização (1930). In: **Obras Completas de Sigmund Freud**. Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.9-89
- LACAN, J. **O Seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1985.
- LACAN, J. A significação do falo (1958). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998b. p.692-703.
- LACAN, J. Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina (1960). In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998b. p.734-745.
- MILLER, J.-A. Os seis paradigmas do gozo. In: **Opção Lacaniana Online**. ano 3, n.7, 2012. p. 1-49.
- MILLER, J.-A. Uma partilha sexual. In: **Opção Lacaniana Online**. ano 7, n.20, 2016. p. 1-40.
- MILLER, J.-A. Em direção à adolescência. In: CALDAS, H.; BEMFICA, A.; BOECHAT, C. (orgs.) **Errâncias, adolescências e outras estações**. Belo Horizonte: Editora EBP, 2016. p.19-33

REINOSO, A. A interpretação e suas ressonâncias no corpo de uma adolescente. In: **Opção Laciana Online**. ano 8, n.23, 2017. p.1-5

ZIMMERMANN, V. B. **Adolescentes estados-limite**. A instituição como aprendiz de historiador. São Paulo: Escuta, 2007.